



LITERATURA BRASILEIRA: FICÇÕES, REALIDADES, LEITURAS E ASSINATURAS

Desde outros tempos, tecem-se considerações sobre o fenômeno literário, cujas compreensões são diversas. Tome-se Afrânio Coutinho, para quem a literatura é a “transfiguração do real”; não é uma imitação ingênua da realidade, ditada sob o exercício da lógica imediata. Para Antonio Candido, a literatura é “baseada no real, mas nunca pureza do real”, antes, a arte em palavras, revolve, pela ficção, as realidades. E, para Pound “a literatura é a novidade que permanece novidade”. Nesse sentido, afirma-se que a literatura tem a capacidade de problematizar o real e, com ele, dialogar, sem, no entanto, padecer dos finais e das soluções simplistas, para as questões humanas, advindas da falta de textualidades que, na literatura, mediam a relação do texto com a realidade.

Do real ao ficcional e vice-versa, recriam-se as leituras e as assinaturas. Leitores e signatários de um tempo, este nosso, como no pensamento de Marisa Lajolo, que explicita a expansão do conceito de literatura e incorpora a dimensão da leitura. Nessa dimensão, encontra-se a figura do leitor, “um sujeito, moral pessoal e social”, como reconhece Eliana Yunes. Tomem-se, então, nas leituras e assinaturas, diferentes formas de recepção e diversificadas produções em diferentes contextos, cujo entendimento esteja associado aos estudos da literatura brasileira, mesmo enquanto contestação do cânone, para a emergência da margem e/ou articulação de ambos.

Nesta seara, vem dialogar com a proposta o artigo **O centro e as margens: a construção da protagonista em Lucíola**, de Nícea Nogueira e Javer Volpini, a partir da obra **Lucíola** (1862), de José de Alencar, cuja análise apresenta a construção da personagem, protagonista, representada por seu duplo Maria da Glória *versus* Lúcia. A personagem dupla vem pontuar as representações femininas da sociedade patriarcal na Corte do Segundo Reinado brasileiro, constituindo um contrapondo entre, por um lado, o que se esperava dos papéis da mulher da boa sociedade e, por outro, das marginalizadas cortesãs. Assim, ambas representam, respectivamente, o que se denominou, no referido estudo, de personagens de centro e personagens às margens.

Em seguida, a composição em versos vem se apresentar na análise do texto **I - Juca Pirama, Canto I – a técnica poética alinhada a um projeto identitário nacional**, que traz para a discussão o primeiro canto do poema de Gonçalves Dias, e propõe um estudo, a partir da técnica poética e da estilística empregada nas estrofes, uma a uma. O estudo do autor Alysson Artuso procura, com isso, sustentar que as opções técnicas do poema relacionam-se com um projeto de valorização do indígena e de sua cultura. Trata-se, de acordo com o autor, de elevá-la, por meio de constante relação com a tradição greco-romana e medieval, e de aproximar os feitos indígenas aos da épica europeia. Figuras como assonâncias e aliterações, além de imagens poéticas e a escolha vocabular são destacados na análise, no contexto em questão.

O terceiro texto, **Eredegalda precisa falar**, das autoras Valéria Pereira e Valéria Medeiros, no amplo espectro aqui disponibilizado para o tema da literatura, retoma a polêmica que envolveu o livro **Enquanto o sono não vem**, de José Mauro Brant, tendo como principal objeto o livro que aqui representa um conjunto conhecido como contos maravilhosos e o espaço que ocupam - ou poderiam potencialmente ocupar na formação do leitor, desde as séries iniciais. Em 2017, o livro foi recolhido das escolas pelo MEC e um parecer técnico da Secretaria de Educação Básica (SEB) avaliou o livro editado pela Rocco como inadequado para o público alvo, crianças, por abordar o tema do incesto, amparando a decisão do MEC. A decisão controversa mobilizou gestores, educadores, críticos e até mesmo o autor. Para este, o problema residiria na falta de capacitação dos professores para a leitura do livro em sala de aula.

Depois, o texto intitulado **O aprendizado do olhar na obra de João Guimarães Rosa**, escrito por Iolanda Cristina dos Santos, traz o resultado de um estudo, conforme apresentado no título, ou melhor, sobre a maneira como o autor questiona, através de seus personagens, a visão mecânica ou estereotipada de mundo, associando o gesto de olhar com o desejo de aprender. A abordagem intertextual contempla, além de duas narrativas de Guimarães Rosa, o Mito de Narciso e a Tragédia de Sófocles, Édipo Rei. O texto resulta de uma pesquisa que explora a educação pelo olhar, e mostra como esta ocorre na obra de um autor como Guimarães Rosa, em cujas narrativas há personagens com percepções e visões de mundo bastante específicas.

Em **Relato, literário e antiliterário nas escritas íntimas de Carolina Maria de Jesus e de Ana Cristina Cesar**, as autoras **Pricila Oliveira e Mônica Gama** trazem a discussão sobre a escritura e sua relação com o real, a partir da notação sobre o cotidiano em Carolina Maria de Jesus e Ana Cristina Cesar. As relações entre a escrita diarística e a literária, travada nos textos das autoras, são tomadas como ponto de partida, considerando as diferenças entre suas condições e projetos de escrita. De

acordo com o artigo, em Carolina, estão observados, pela linguagem, os marcadores sociais que, se a constituem, a partir desse gesto autoral, não mais a definem ou confinam. E, ainda, o estudo reflete sobre as relações entre o diário, o relato e o literário na poética de Ana C., em que os elementos da fórmula diarística são deslocados de modo que o gênero textual seja reconhecível, porém não funcional, obrando igualmente a indecidibilidade.

Por fim, estão aproximados, no texto, **As poéticas e as metrópoles desvairadas de Sousândrade e Mário de Andrade**, de Olívia Barros de Freitas, dois autores, considerados díspares em nossa literatura: Joaquim Manuel de Sousândrade e Mário de Andrade. A autora Olívia Freitas observa que, em trajetórias distintas, vivenciadas em tempos diferentes, os dois escritores presenciaram fases diversas da fixação do capitalismo no novo continente. Neste artigo, pode-se ver que os poetas, apesar de terem vivido em períodos históricos diversos, de terem filiação estética a diferentes escolas de época e de não possuírem a mesma origem social, tematizaram de forma pioneira o crescimento acelerado de uma cidade, sua pré-constituição como metrópole e os efeitos de sua expansão na literatura brasileira. Assim, são analisadas as primeiras aparições de metrópoles em ebulição na poesia brasileira no canto X, conhecido como o **O Inferno de Wall Street**, de **O Guesa**, de Sousândrade, e o presente na obra **Paulicéia desvairada**, de Mário de Andrade.

Entende-se, com o percurso dos textos apresentados, que as provocações buscadas por esta proposta, em torno do conceito de literatura brasileira, como ponto de partida, para oferecer espaços aos trabalhos que exploram os veios mencionados, estão contempladas nos artigos descritos. As reflexões que articulam discursos múltiplos, mesmo de subjetividades anônimas, (contra) ponto da tradição, para mais ampliar a discussão sobre a literatura brasileira e sua abrangência, nas instáveis situações de produção e recepção, cumpriram, enfim, o objetivo deste dossiê.

Profa. Dra. Valéria Pereira
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora - CES/JF
Profa. Dra. Valéria Medeiros
Universidade Federal do Tocantins - UFT
Organizadoras